

Dizer a verdade sob todos os riscos: *parresía* de Carlos Marighella em pronunciamento na Rádio Nacional

Telling the truth at all risks: parrhesia by Carlos Marighella in a speech on National Radio

Renan Mazzola

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Resumo: A partir das reflexões sobre a *parresía* encontradas em *A coragem da verdade*, último curso de Michel Foucault ministrado no *Collège de France* em 1984, pretende-se, neste artigo, a) apresentar a definição e o funcionamento *parresía* na Antiguidade grega; b) apontar os desdobramentos da *parresía* na modernidade; c) analisar o exercício da *parresía* no pronunciamento de Carlos Marighella transmitido na Rádio Nacional, no contexto da Ditadura Militar brasileira. Esta pesquisa filia-se ao campo dos estudos discursivos foucaultianos, e analisa seis sequências enunciativas do *corpus* a partir da perspectiva arqueogenealógica de Michel Foucault. Demonstramos que o pronunciamento de Marighella configura-se como uma modalidade aletúrgica, instaurando riscos àquele que assume sua autoria e inscrevendo-se no jogo parresiástico.

Palavras-chave: Parresía; Verdade; Discurso; Foucault

Abstract: Based on the discussions on parrhesia found in *A coragem da verdade*, Michel Foucault's last course taught at the Collège de France in 1984, this paper intends to: a) present the definition and functioning of parrhesia in Greek Antiquity; b) point out the developments of parrhesia in modernity; c) analyze the exercise of parrhesia in the speech of Carlos Marighella broadcast on Rádio Nacional, in the context of the Brazilian Military Dictatorship. This research is affiliated to the field of Foucauldian discursive studies, and analyzes six enunciative sequences of the corpus by the archeogenealogical perspective of Michel Foucault. We demonstrate that Marighella's pronouncement is configured as an aleturgical modality, introducing risks to those who assume its authorship and inscribing themselves in the parrhesiastic game.

Keywords: Parrhesia; Truth; Discourse; Foucault



1 Introdução

Em 15 de agosto de 1969, um grupo de militantes revolucionários comandado por Carlos Marighella ocupa a Rádio Nacional em São Paulo. Essa ação é vista como uma tentativa de falar diretamente ao povo brasileiro, uma vez que os meios de comunicação no Brasil eram controlados e o contato dos grupos revolucionários com a população era praticamente impossível naquelas condições. Nessa ação, é transmitido um manifesto assinado por Marighella.

Esse pronunciamento será o objeto de nossa pesquisa, ancorada nas reflexões sobre a *parresía* encontradas no curso *A coragem da verdade*, de Michel Foucault (2011), seu último curso ministrado no *Collège de France* em 1984. Dessa forma, pretende-se, neste artigo, a) apresentar a definição e o funcionamento *parresía* na Antiguidade grega; b) apresentar os desdobramentos da *parresía* na modernidade; c) analisar o exercício da *parresía* no pronunciamento de Marighella transmitido na Rádio Nacional, no contexto da ditadura militar brasileira.

Nossa pesquisa filia-se ao campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF), um terreno dos estudos discursivos da linguagem que se ancora na perspectiva arqueogenealógica de Michel Foucault (GREGOLIN, 2006; NAVARRO, 2020). Ela possui natureza bibliográfico-documental, de natureza descritiva e explicativa, uma vez que objetiva selecionar, recortar, descrever e analisar sequências enunciativas oriundas do pronunciamento de Marighella na Rádio Nacional, a partir de referenciais teórico-metodológicos presentes na obra de Foucault.

Este artigo divide-se em duas partes, além desta introdução e das considerações finais: “*Parresía* no último curso de Foucault”, em que apresentaremos a definição, o funcionamento e os desdobramentos do conceito de *parresía*; e “Marighella, o regime militar e o exercício da *parresía*”, em que faremos uma breve contextualização da ditadura militar brasileira, do papel de Marighella em seu interior, e analisaremos o *corpus* a partir das reflexões presentes em *A coragem da verdade*.

2 *Parresía* no último curso de Foucault

No curso do ano letivo de 1984, intitulado *A coragem da verdade*, Foucault apresenta a continuidade de algumas reflexões iniciadas nos anos anteriores, como a função da *parresía*, uma modalidade do dizer verdadeiro estudada no quadro da Antiguidade greco-

romana. A *parresía* refere-se, *grosso modo*, ao dizer verdadeiro. Há duas formas de manifestação da verdade:

- as formas epistemológicas: “as estruturas próprias dos diferentes discursos que se propõem e são recebidos como verdadeiros” (FOUCAULT, 2011, p. 4).
- as formas aletúrgicas: “formas pelas quais o sujeito, dizendo a verdade, se *manifesta*, e com isso quero dizer: representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 4, destaque do autor).

No interior dessas formas aletúrgicas é que se situa a noção e a prática da *parresía* (em latim, *libertas*), isto é, uma modalidade da fala franca, do dizer verdadeiro. A *parresía* consiste em uma dada relação bem específica que se estabelece entre o sujeito e a verdade. Em primeiro lugar, para Foucault (2011, p. 12), “é preciso não apenas que essa verdade constitua efetivamente a opinião pessoal daquele que fala, mas também que ele a diga como sendo o que ele pensa, [e] não da boca para fora – e é nisso que será um parresiasta”. Não existe aqui, nesse sentido, fala *dissimulada*, ou seja, emissão de opinião na qual o sujeito que enuncia não acredite com todo seu ser. Em segundo lugar, é preciso que haja risco assumido: segundo Foucault (2011, p. 12), “para que haja *parresía*, é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência. É portanto a verdade, no risco da violência”.

A *parresía* não era a única forma de manifestação da verdade na Antiguidade. Foucault (2011) descreve quatro modalidades fundamentais do dizer verdadeiro que ora convergem, ora divergem da modalidade da *parresía*.

- a profecia / o profeta
- a sabedoria / o sábio
- a *tékhne* / o professor
- a *parresía* / o parresiasta

Discorreremos, em função de nossos objetivos, sobre a quarta modalidade do dizer verdadeiro na Antiguidade, a *parresía*. Para Foucault (2011), existem três formas de

manifestação da coragem da verdade na cultura Antiga (e que aparecerão, com outra roupagem, na contemporaneidade), são elas:

- a ousadia política
- a ironia socrática
- o escândalo cínico

Em primeiro lugar, abordaremos a *parresía* política. Essa era uma prática prevista na democracia grega. O parresiasta poderia se levantar diante da assembleia e enunciar verdades que exigiam ser consideradas. Essa prática envolvia constantemente riscos: colocava-se em risco sua relação com o outro e também, não raro, sua própria vida. A *parresía* política situava-se no interior de um jogo, e para que fosse efetiva, essa modalidade do dizer verdadeiro deveria respeitar as regras previstas. Essas regras, segundo Foucault (2011, p. 13), consistiam em “uma espécie de pacto, entre aquele que assume o risco de dizer a verdade e aquele que aceita ouvi-la, está no cerne do que se poderia chamar de jogo parresiástico”. Dessa maneira, para que haja *parresía*, tal como concebida na cultura Antiga, é preciso falar e é preciso ouvir para que ações sejam realizadas. A *parresía* envolvia necessariamente um risco: para Foucault (2011, p. 13), “o parresiasta é de fato aquele que assume o risco de questionar sua relação com o outro e até a sua própria existência dizendo a verdade [...] e este (povo, rei, amigo), se quiser desempenhar o papel que lhe propõe o parresiasta, deve aceitá-la”. Com o decorrer dos tempos, observa-se um mau funcionamento da *parresía* política no contexto das democracias, em função da dificuldade que se encontra, quando lidamos com instituições políticas, de desempenho do papel parresiástico. Foucault (2011, p. 67) afirma que isso se dá “simplesmente por causa do perigo que se corre”.

Em segundo lugar, devemos discutir a *parresía* socrática. Nesse curso de Foucault, o parresiasta aparece de forma bem nítida com Sócrates, e depois com Diógenes e toda uma série de filósofos cínicos. Na *parresía* socrática, há um vínculo entre dizer-a-verdade e viver de acordo com o que se diz. Esse vínculo faz emergir, nessa modalidade parresiástica, a questão do *éthos*. Para Foucault (2011, p. 63), “Sócrates é aquele que tem a coragem de dizer a verdade, que aceita se arriscar à morte para dizer a verdade, mas praticando a prova das almas no jogo da interrogação irônica”. Com vistas a estudar a *parresía* no campo da ética em oposição à *parresía* política, Foucault comentará três textos principais, nomeados como “textos do ciclo da morte de Sócrates”. São estes:

Apologia de Sócrates, Críton e Fédon (PLATÃO, 2015). Na *Apologia*, duas questões devem ser destacadas: a) Sócrates inicia seu discurso de defesa afirmando que seus adversários mentem, e ele é quem diz a verdade; b) Sócrates afirma, em seguida, que seus adversários são hábeis em falar, enquanto ele fala simplesmente, diretamente, sem habilidade, sem aparato, e diz a verdade. Vemos aqui a oposição entre o *parresiasta* e o Sofista: o primeiro diz a verdade que incomoda sem ornamentos, o segundo é hábil em dizer aquilo que agrada. Em outro estudo (MAZZOLA, 2022), estudamos como essa oposição forjará, em alguma medida, a distinção de dois campos do saber das humanidades: a filosofia, de um lado, e a retórica, de outro. Ou ao menos, irá configurar a filosofia como uma *parresía* não política.

Em terceiro lugar, estudaremos a *parresía* cínica. Sabemos que, na Antiguidade, havia uma relação entre a vida verdadeira e o dizer a verdade. Os cínicos eram um exemplo de coerência entre viver e dizer a verdade. Foucault (2011, p. 144) afirma que “o cinismo parece portanto uma forma de filosofia na qual modo de vida e dizer-a-verdade estão direta, imediatamente, ligados um ao outro”. Os textos do período helenístico e romano que descrevem as personagens e as ações cínicas são encontrados em Diógenes Laércio, Díon Crisóstomo, Epicteto, Luciano e imperador Juliano. Nesses textos, Foucault observa que o cínico é constantemente caracterizado como homem da *parresía*. Talvez a figura mais conhecida do cinismo seja Diógenes, o Cínico, homem simples, sem posses, que fazia da pobreza extrema sua virtude e expunha as hipocrisias dos cidadãos gregos. Por ser alvo de constantes desqualificações e por ocupar um lugar marginal nos estudos de Filosofia Antiga, Foucault propõe fazer uma história do cinismo, ou melhor, elaborar uma arqueologia da filosofia cínica, que em alguma medida tem em Sócrates sua origem. Essa arqueologia explicitaria, no cinismo, as relações entre as formas de existência e as manifestações da verdade, bem como os desdobramentos do cinismo na contemporaneidade. Esses desdobramentos aparecem em três lugares, ao menos¹:

- na espiritualidade cristã
- na arte moderna
- nos movimentos revolucionários

¹ Na Antiguidade grega, o exercício da *parresía* parecia distinguir-se do exercício da retórica. Atualmente, encontramos trabalhos que procuram repensar essa cisão: de um lado, há os estudos que buscam revelar a retórica por trás do exercício da *parresía*, como os de McCoy (2010); de outro, há aqueles que buscam revelar a *parresía* por trás do exercício da retórica, como os de Mateus (2016).

Em primeiro lugar, algumas manifestações da espiritualidade cristã foram inspiradas no modo de vida cínico. Na passagem da Antiguidade à Idade Média, consolidou-se a figura do peregrino. O peregrino, nas palavras de Foucault (2011, p. 159), “é portanto um cínico que passou pelo cristianismo, ou um cristão que se tornou cínico”. No início do cristianismo, houve uma interferência muito sensível entre a prática cínica e a ascese cristã. Muitos movimentos espirituais da Idade Média vão ao encontro de temas, atitudes e formas de comportamento dos cínicos. Por exemplo, os franciscanos, com seu despojamento, são os cínicos da cristandade medieval.

Em segundo lugar, encontramos traços cínicos em determinadas manifestações da arte. Na Antiguidade e na Idade Média, a sátira e a comédia eram atravessadas por temas cínicos. Os *fabliaux*, as festas e os carnavais eram manifestações dessa vida cínica. Um percurso pela arte em suas diversas manifestações na literatura, na pintura e na música apresentaria essa ousadia da verdade, esse desnudamento do real, essa apresentação do que está “por trás”. As vidas de artista eram expressão curiosa desse comportamento cínico. No século XIX, observamos ainda a arte moderna² como uma herdeira do cinismo: ela “não é mais da ordem da ornamentação, da ordem da imitação, mas que é da ordem do desnudamento, do desmascaramento, da decapagem, da escavação, da redução violenta ao elementar da existência” (FOUCAULT, 2011, p. 164-165).

Em terceiro lugar, devemos nos ocupar dos movimentos revolucionários como manifestação do cinismo no campo da política moderna. É precisamente esse desdobramento do cinismo, essa forma de escândalo da verdade, essa modalidade de *parresia* que constitui o tema fundamental de nossa pesquisa. É a partir desse ponto que poderemos compreender a natureza da *parresia* manifestada no pronunciamento de Carlos Marighella, no momento em que um grupo de revolucionários da ALN ocupa a Rádio Nacional e faz transmitir seus ideais ao grande público.

Para Foucault (2011, p. 161), “o cinismo, a ideia de um modo de vida que seria a manifestação irruptiva, violenta, escandalosa, da verdade faz parte e fez parte da prática revolucionária e das formas assumidas pelos movimentos revolucionários ao longo do século XIX”. Nesse sentido, a prática revolucionária ou a atividade revolucionária seriam um modo de vida que adquiriu, na Europa dos séculos XIX e XX, três grandes formas: a)

² Para um estudo mais aprofundado sobre o assunto da arte moderna como desnudamento da verdade, consultar Mazzola (2015), em que discutimos *La peinture de Manet*, de Michel Foucault (2004).

as sociedades secretas, concebidas como vida revolucionária na forma da sociedade e do segredo; b) as organizações visíveis, sob a forma de partidos políticos ou organizações sindicais com função revolucionária; c) o militantismo revolucionário, cuja vida de seus membros é devotada à ruptura de convenções, de hábitos e de valores de uma sociedade. Este último grupo caracteriza mais fortemente a atuação de Carlos Marighella no Brasil (embora possamos reconhecer traços dos dois primeiros): um militante revolucionário que devota sua vida à ruptura das convenções forjadas pelo governo militar brasileiro, colocando sua própria vida em risco em função da luta pelos valores revolucionários. Toda a atuação da ALN, do MR-8, do VPR, e mesmo do PCB associa-se a um elemento “esquerdista” que configura esses movimentos. Foucault (2011), p. 162) descreve essa associação na Europa:

Mas quando digo que esse aspecto do testemunho pela vida foi dominante no século XIX, que o encontramos sobretudo nesses movimentos que vão do nihilismo ao anarquismo ou ao terrorismo, não quero dizer com isso que esse aspecto desapareceu totalmente e não passou de uma figura histórica na história do revolucionarismo europeu. Na verdade, vemos ressurgir sem cessar esse problema da vida como escândalo da verdade. Vocês veem reaparecer, constantemente, o problema do estilo de vida revolucionário no que podemos chamar de esquerdismo.

O alinhamento à esquerda na atividade revolucionária, que se opõe às convenções conservadoras instauradas, é o que caracterizou, em sua fundação, o Partido Comunista Francês (PCF), por exemplo. Esse militantismo de caráter revolucionários manifestou-se também no Brasil, uma vez que ALN, MR-8, VPR, PCB são movimentos alinhados à esquerda (“os comunistas”) contra o regime militar repressor, que é localizado à (extrema) direita do espectro político. Nesse contexto dos grupos revolucionários dos anos 1950 e 1960, encontra-se Marighella, sobre o qual iremos agora discorrer.

3 Marighella, o regime militar e o exercício da *parresía*

O regime militar brasileiro representou um período sombrio e violento de nossa história, e as ações desse regime calaram e sufocaram, metafórica e literalmente, todos aqueles que pensaram diferentemente. No Brasil, ele durou 21 anos, de 1964 a 1985. Os presidentes deste período foram: Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967), Artur da Costa e Silva (1967-1969), Emilio Garrastazu Médici (1969-1974), Ernesto

Geisel (1974-1979), e João Figueiredo (1979-1985). As ações do governo militar, por meio de seus diversos Atos Institucionais (AI's), consistiram em: ampliação dos poderes do Executivo, enfraquecimento e fechamento do Congresso Nacional, permissão de instalação dos Inquéritos Policial-Militares (IPMs), perseguição de adversários do regime, dissolução da União Nacional dos Estudantes (UNE), criação do Serviço Nacional de Informações (SNI), extinção dos partidos políticos existentes (restaram ARENA e MDB), criação de novas constituições, ampliação do nacionalismo e do autoritarismo, permissão para tortura dos dissidentes do regime, censura prévia da imprensa, etc³.

Apesar da tirania e da truculência militares, o Brasil contava com focos de resistência⁴. Essa resistência vinha sobretudo de articulações de estudantes, artistas, intelectuais e trabalhadores que, a seu modo, conseguiram se organizar a despeito das insistentes e violentas perseguições. Algumas importantes articulações de resistência aqui eram o Partido Comunista Brasileiro (PCB), a Aliança Libertadora Nacional (ALN), o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Carlos Marighella encontra-se no entrecruzamento desses movimentos, pois era membro do PCB até sua dissidência, momento em que fundou a ALN, com preferência pela luta armada. Além dos partidos de esquerda e dos movimentos revolucionários citados, também artistas, intelectuais, estudantes e parte do setor operário precisavam ter *coragem* para falar a *verdade*, e por isso colocavam-se diante de muitos *riscos*. Estamos diante da *parresia* como possibilidade de resistência.

Carlos Marighella, baiano, nascido em 1911, desde sempre esteve envolvido com ações militantes nas instituições de ensino, nos partidos, sindicatos, nas prisões, lutando contra as injustiças sociais (SILVA JÚNIOR, 2009). Para Moreira (2014), sua aproximação com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) ocorreu quando ingressou na Escola Politécnica da Bahia, em que era aluno de Engenharia. Não temos a intenção de descrever todo o percurso biográfico e político de Marighella, que é extenso. Para o que propomos aqui, interessa lançarmos luz sobre o episódio da ocupação da Rádio Nacional em São Paulo.

Na manhã do dia 15 de agosto de 1969, um grupo de 12 (doze) guerrilheiros revolucionários comandados por Marighella⁵ ocupa a Rádio Nacional em São Paulo. Essa

³ Para um estudo mais aprofundado do regime militar brasileiro, conferir Fausto (2004).

⁴ Para um estudo mais aprofundado sobre a memória da ditadura militar brasileira, consultar Sá (2015).

⁵ Conferir <https://memoriasdaditadura.org.br/eventos/tomada-da-radio-nacional-e-leitura-de-manifesto-de-carlos-marighella>. Acesso em: 02 fev. 2022.

ação foi uma tentativa de falar diretamente ao povo, uma vez que a mídia no Brasil era fortemente censurada pelo regime militar. Nessa ação, é transmitido um manifesto assinado por Marighella. Alguns relatos⁶ informam que quem emprestou voz ao manifesto foi o estudante paulista da Escola Politécnica da USP, Gilberto Luciano Belloque. Esse pronunciamento, que compõe nosso *corpus* de pesquisa, pode ser lido integralmente no anexo deste artigo.

Como afirmamos na introdução desta pesquisa, esta análise filia-se ao campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF), um terreno dos estudos discursivos da linguagem que se ancora na perspectiva arqueogenealógica de Michel Foucault (GREGOLIN, 2006; NAVARRO, 2020). Embora fossem realizadas pesquisas dessa natureza desde os anos 1990 no Brasil, elas há até pouco tempo ainda eram organizadas sob o rótulo de Análise do Discurso Francesa. O campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos foi consolidado com a criação, em 2018, do GT Estudos Discursivos Foucaultianos, filiado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).

Para nossas análises, destacaremos no *corpus* sequências enunciativas (SEs) que manifestam o exercício da *parresía* nesse manifesto revolucionário assinado por Carlos Marighella e transmitido no contexto da ocupação da Rádio Nacional em São Paulo. Eram oito e meia da manhã quando a transmissão na Rádio Nacional, forçada pelo grupo revolucionário, inicia-se. Ouve-se uma voz feminina a pedir atenção. Essa voz precede a voz de Marighella, e a introduz.

SE 01, VOZ FEMININA: Atenção! Está no ar a Rádio Libertadora! Atenção! Está no ar a Rádio Libertadora! De qualquer parte do Brasil, para os patriotas de toda a parte. Rádio clandestina da Revolução. O dever de todo revolucionário é fazer a Revolução! Abaixo a ditadura militar! Atenção! As gravações em fita das transmissões da Rádio Libertadora, podem ser ligadas aos sistemas de alto-falantes dos bairros e subúrbios e irradiadas para o povo, mesmo que para isto tenhamos que empregar a mão armada.

Observamos, nessa espécie de proêmio, três elementos que inscrevem esse pronunciamento num regime *parresiástico*, uma vez que o risco está assumido: a) um pedido de atenção, uma invocação motivada pela ocupação da Rádio Nacional, que se inicia por *Atenção!* b) a nomeação do acontecimento, que manifesta o jogo de poderes entre os movimentos revolucionários e o regime militar: *Está no ar a Rádio Libertadora!*

⁶ Conferir <https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2014/08/ha-45-anos-organizacao-de-marighella-tomava-transmissores-de-radio-em-sp-para>. Acesso em: 02 fev. 2022.

Rádio clandestina da Revolução! c) um slogan revolucionário: *Abaixo a ditadura militar!* Esses enunciados, no momento de sua transmissão, gerariam interesse e estranhamento, atrairiam não só a atenção dos ouvintes, mas da polícia repressiva. Em seguida, ouve-se a voz de Marighella, cuja gravação irá perdurar pelos próximos 10 minutos, e será repetida por três vezes.

SE 02, MARIGHELLA: Ao Povo brasileiro! [...] A polícia nos acusa de terroristas e assaltantes, mas não somos outra coisa senão revolucionários que lutam a mão-armada contra a atual ditadura militar brasileira e o imperialismo norte-americano.

Neste momento em que Marighella toma a palavra, observamos a articulação de dois aspectos importantes a serem considerados nessa manifestação aletúrgica: a) a evocação, que intenciona chamar a atenção do destinatário e solicitar sua benevolência para a escuta, em *Ao povo brasileiro!*; e b) a inversão entre os papéis de acusador e o acusado, nas sequências *A polícia nos acusa de terroristas / somos revolucionários que lutam contra a ditadura militar brasileira e o imperialismo norte-americano*. Essa inversão, curiosamente, é a mesma com que Sócrates inicia seu discurso de defesa, conforme lemos na *Apologia de Sócrates* (PLATÃO, 2015, p. 139):

Desconheço como vós, homens de Atenas, fostes afetados por meus acusadores. Quanto a mim, por pouco não perdi a noção da minha própria identidade tal a persuasão com que discursaram. E, no entanto, dificilmente haja uma única palavra de verdade no que disseram. Das muitas mentiras que disseram, uma especialmente surpreendeu-me bastante, a saber, que deveis vos acautelar para não serdes ludibriados por mim porque eu era um orador extraordinariamente hábil. Considerei o mais vergonhoso na sua postura não se envergonharem por ser imediatamente demonstrado pelos fatos que estão errados, quando não me revelo de modo algum um extraordinário orador – a não ser que classifiquem como extraordinário orador alguém que fala a verdade.

Aqui, Sócrates afirma que seus acusadores mentem, e que ele diz a verdade. Afirma que seus acusadores é que são hábeis em falar, de modo que convenceram os homens de Atenas a julgá-lo. Foucault aborda esse mecanismo de inversão em sua aula de 15 de fevereiro de 1984: “o discurso de Sócrates, pelo menos tal como Platão o relata [...] começa com a proposição: meus adversários mentem, eu digo a verdade. [...] Diz

Sócrates: meus adversários são hábeis em falar (*deinòs légein*); já eu, diz ele, falo simplesmente, sem habilidade e sem aparato” (FOUCAULT, 2011, p. 64). Nessa inversão, expõe-se a habilidade do acusador (o tribunal do júri ateniense / a ditadura militar) e a fala franca, simples, direta, verdadeira do acusado (Sócrates / Marighella).

SE 03: Nossos objetivos são os seguintes: derrubar a ditadura militar; anular todos os seus atos desde 1964; formar um governo revolucionário do povo [...].

Em seguida, Marighella expõe os objetivos do movimento revolucionário, e esses objetivos possuem a natureza de *lógos aléthes*, na medida em que não há dissimulação, há fala direta e clara. Para Foucault (2011, p. 193), esse discurso “é uma maneira de falar na qual, primeiramente, nada é dissimulado”. São eles: a) *derrubar a ditadura miliar*; b) *anular todos os seus atos desde 1964*; c) *formar um governo revolucionário do povo*, etc. O primeiro deles imediatamente instaura a afronta ao regime, pois coloca o movimento revolucionário do lado oposto daquele dos militares. O segundo objetivo pretende anular todos os atos desde 1964, e a anulação dos atos constitui a anulação do próprio regime. O terceiro objetivo, em consonância com os dois primeiros, pretende formar um governo revolucionário do povo, em que os civis não responderiam mais às vontades dos militares. Há outros objetivos mencionados, mas os descartaremos por ora para dar continuidade às análises.

SE 04: Os banqueiros não podem queixar-se, pois, só no ano passado, tiveram lucro de 400 bilhões de cruzeiros velhos, enquanto isso, o bancário ganha salário mínimo, e ainda tem que trabalhar 25 anos para receber o dobro desse miserável salário. O Governo, por sua parte, nada pode dizer, uma vez que um ministro corrupto como Andreazza tem apartamento no valor de um bilhão de cruzeiros velhos e recebe comissões das firmas estrangeiras.

A *parresía* é, portanto, o “dizer tudo”, “mas indexado à verdade: dizer tudo da verdade, não ocultar nada da verdade, dizer a verdade sem mascarar-la com o que quer que seja” (FOUCAULT, 2011, p. 11). Ao expor o lucro dos banqueiros, que *tiveram lucro de 400 bilhões de cruzeiros velhos*, e, em seguida, compará-lo com o salário do bancário, *que ganha salário mínimo, e ainda tem que trabalhar 25 anos para receber o dobro desse miserável salário*, Marighella apresenta aos ouvintes da rádio as contradições entre a) os sujeitos do topo do sistema econômico vs. b) o trabalhador assalariado que nunca chegará a possuir esse valor. A exposição direta dessas contradições manifesta o exercício da

parresía em sua essência, fazendo funcionar o jogo *parresiástico*, que não pressupõe apenas a escuta da verdade, mas ações que podem/devem ser desencadeadas por essa escuta.

SE 05: A ditadura nos acusa de atentados pessoais e assassinatos, mas não confessa que matou Edson Souto, Marco Antônio Brás de Carvalho, "Escoteiro", Néelson José de Almeida, o sargento João Lucas Alves e tantos outros patriotas. E não confessa que submete os presos aos suplícios do pau-de-arara, dos choques elétricos e outros que deixariam os nazistas envergonhados.

A sequência 05 dá continuidade ao exercício da exposição de verdades nunca ditas ao grande público, pois o regime militar controlava, por meio de censura prévia, os meios de comunicação brasileiros. Essa sequência de enunciados, iniciada por (*a ditadura*) *não confessa que...* parece expor o que é *secreto*, *escondido*. Estamos novamente diante do *lógos aléthes*.

o *lógos aléthes* não é simplesmente um conjunto de proposições que são exatas e podem receber o valor de verdade. O *lógos aléthes* é uma maneira de falar na qual, primeiramente, nada é dissimulado; na qual, em segundo lugar, nem o falso nem a opinião nem a aparência vêm se misturar ao verdadeiro; em terceiro lugar, é um discurso reto, um discurso que é conforme às regras e à lei; e, enfim, o *aléthes lógos* é um discurso que permanece o mesmo, não muda, não se corrompe e não se altera, não pode nunca ser vencido nem revertido nem refutado. (FOUCAULT, 2011, p. 193).

A enumeração de nomes das vítimas da ditadura rompe o sigilo dos inquiridos: *Edson Souto, Marco Antônio Brás de Carvalho, "Escoteiro", Néelson José de Almeida, o sargento João Lucas Alves e tantos outros patriotas*. Em seguida, uma outra sequência nos moldes da anterior, que acusa a ditadura de *não confessar* a tortura aplicada aos presos políticos sob a forma de *suplícios do pau-de-arara* e *choques elétricos*. Tortura e morte são os temas fundamentais dessa SE 05. Os sujeitos são nomeados, e, por isso, expostos, como dados, como fatos, como corpos vítimas da tortura e da morte. A analogia com o nazismo atua como elemento de intensificação dessa verdade, uma vez que, nessa sequência, esses suplícios *deixariam os nazistas envergonhados*.

SE 06: Responderemos, olho por olho, dente por dente! A luta já começou!

Aqui, destacamos uma manifestação aguda de coragem no pronunciamento de Marighella. Por meio do resgate da memória da lei de talião, que consiste na reciprocidade rigorosa entre crime e pena, o movimento revolucionário ameaça retaliação ao regime militar. Vejamos o conceito da pena em Levítico (24:17-20):

17 Todo aquele que ferir mortalmente um homem será morto. 18 Quem tiver ferido de morte um animal doméstico, dará outro em seu lugar: vida por vida. 19 Se um homem ferir o seu próximo, assim como fez, assim se lhe fará a ele: 20 fratura por fratura, olho por olho e dente por dente: ser-lhe-á feito o mesmo que ele fez ao seu próximo.

Na sequência 06, observamos quatro elementos importantes: a) a escolha pela primeira pessoa do plural em (*nós*) *responderemos*, que aponta para a força do coletivo e não para a vulnerabilidade do individual; b) a memória da lei de talião em *olho por olho, dente por dente*, que nivela os revolucionários e os militares quanto à igualdade de poder (são equipolentes); c) a presença da exclamação, presente no discurso oral como ênfase, que acentua a relação de ação e reação, sob a forma de ameaça de retaliação; d) a presença do tempo passado, em *a luta já começou*, que expõe a articulação, organização e planejamento prévio do movimento revolucionário à ocupação da Rádio Nacional, reafirmando a ideia de que nada é improvisado na luta armada.

Nessas 6 (seis) sequências enunciativas, exploramos alguns pontos importantes de exercício da *parresía* no pronunciamento de Marighella. O manifesto, em sua integralidade, como documento histórico da resistência política brasileira, é muito rico e possibilita diversos lugares de análise, que não abordaremos neste artigo em função da limitação do espaço. Passamos, dessa forma, à síntese dos aspectos observados no movimento analítico.

4 Considerações finais

Destacamos, nessas considerações finais, quatro pontos importantes que sintetizam as análises realizadas sobre o pronunciamento de Carlos Marighella no contexto de ocupação da Rádio Nacional, sob a perspectiva dos Estudos Discursivos Foucaultianos, mais particularmente sob a perspectiva de seu último curso no *Collège de France*, sobre a *parresía*.

Em primeiro lugar, observamos a coerência entre dizer e pensar em Carlos Marighella: trata-se de uma questão ética que legitima a autoridade do *parresiasta*. Não há espaço para a dissimulação no exercício da *parresía*. Para Foucault (2011, p. 11), “é preciso não apenas que essa verdade constitua efetivamente a opinião pessoal daquele que fala, mas também que ele a diga como sendo o que ele pensa”.

Em segundo lugar, há em Marighella, como podemos afirmar que havia também em Sócrates e nos cínicos, uma certa coerência entre a verdade enunciada (*lógos aléthes*) e a vida vivida (*bios aléthes*). O revolucionário que prega a luta armada deve lutar com armas até a sua morte. Para Foucault (2011) a *aléthes bios* corresponde a: a) uma vida não dissimulada; b) uma vida sem mistura; c) uma vida reta; d) uma vida imutável. Esses quatro posicionamentos são observados no discurso (*lógos*), na biografia e na bibliografia de Marighella.

Em terceiro lugar, o exercício da *parresía* no pronunciamento de Marighella na Rádio colocou-o em risco. No momento em que a) articula a ocupação da Rádio Nacional em São Paulo; b) faz transmitir o pronunciamento ligado a um movimento revolucionário; c) enuncia palavras de ordem contra a ditadura (*Abaixo a ditadura militar!*); e d) ameaça retaliação ao regime militar; o risco instaura-se. Para Foucault (2011, p. 12), “Para que haja *parresía*, é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixa-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência. É portanto a verdade, no risco da violência”. Esse risco tornou-se real, e culminou na morte de Marighella, conforme nos narra Frei Betto:

De dentro do Volks, Ivo reparou quando Marighella, sozinho, caminhava do outro lado da rua. Conhecia-lhe o porte e o passo. Apesar da peruca que usava, o comandante da ALN foi reconhecido pelos policiais antes de aproximar-se do carro. O tiroteio teve início, enquanto policiais abriam a porta do Volks e retiravam bruscamente os religiosos, pelo lado esquerdo. Ivo foi mordido nas nádegas pelo cão do DOPS. Deitados na calçada, os dois ficaram com o rosto virado para o chão. Não viram Carlos Marighella tombar morto do outro lado da rua. Apenas ouviram o tiroteio intermitente, que não deve ter durado mais de três ou quatro minutos. (BETTO, 2003, p. 188).

Em quarto lugar, o pronunciamento de Marighella configurou-se como exercício de *parresía* na medida em que tentou alcançar a população brasileira de modo mais amplo, e a *parresía* define-se como uma prática em conjunto, uma prática com o outro.

Para Foucault (2011, p. 13), “a *parresía* pode se organizar, se desenvolver e se estabilizar no que poderíamos chamar de um jogo parresiástico. [...] O povo, o Príncipe, o indivíduo devem aceitar o jogo da *parresía*. Devem eles próprios jogá-lo e reconhecer que aquele que assume o risco de lhes dizer a verdade deve ser escutado”. A escuta dos movimentos revolucionários configurou-se como princípio de uma ação. Ação conjunta que conduziria, em alguma medida, ao fim da ditadura militar brasileira em 1985.

Enfim, procuramos demonstrar, por meio dos estudos discursivos foucaultianos, que a resistência à ditadura militar levada a cabo por Marighella tomava corpo no exercício da *parresía*. Destacamos, ancorados em Foucault, que é preciso ter coragem para resistir e que é preciso ter coragem para defender, sempre, a democracia brasileira. As democracias são frágeis, e sua existência deve ser reafirmada a todo instante em respeito àqueles que morreram pela História.

Referências

BETTO, F. **Batismo de sangue**: a luta clandestina contra a ditadura militar – Dossiês de Carlos Marighella e Frei Tito. São Paulo: Casa Amarela, 2003.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2004.

FOUCAULT, M. **La peinture de Manet**. Éditions de Seuil, 2004.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

GREGOLIN, M. R. V. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos & duelos. São Carlos: Claraluz, 2006.

MARIGHELLA, C. **Escritos de Carlos Marighella**. São Paulo: Editorial Livramento, 1979. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marighella/ano/mes/escritos.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

MATEUS, S. Uma retórica parrhésica? Enquadramento de duas práticas retóricas contemporâneas. **Rétor - Revista de la Asociación Argentina de Retórica**, v. 06, n. 02, p. 198-215, 2016. Disponível em: <http://www.revistaretor.org/vol6num2.html>. Acesso em: 28 jan. 2022.

MAZZOLA, R. **O cânone visual**: as belas-artes em discurso. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

MAZZOLA, R. Parresía e retórica: notas sobre uma polêmica. **Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, v. 07, n. 01, p. 150-177, jan.-abr. 2022.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/52549>. Acesso em: 01 abr. 2022.

MCCOY, M. **Platão e a retórica de filósofos e sofistas**. Trad. Livia Oushiro. São Paulo: Madras, 2010.

MOREIRA, R. A. “**É preciso não ter medo, é preciso ter a coragem de dizer**”: um estudo da parresía no discurso de Carlos Marighella. 2014. Dissertação (Mestrado Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4081>. Acesso em: 28 jan. 2022.

NAVARRO, P. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. **Revista Moara**, v. 01, n. 57, p. 8-33, ago.-dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682/6672>. Acesso em: 31 jan. 2022.

PLATÃO. **Diálogos III – Socráticos**: Fedro (ou do Belo); Eutífron (ou da Religiosidade); Apologia de Sócrates; Críton (ou do Dever); Fédon (ou da Alma). 2ª ed. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2015.

SÁ, I. **Memória discursiva da ditadura no século XXI**: visibilidades e opacidades democráticas. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7586/TeseIS.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 jan. 2022.

SILVA JÚNIOR, E. T. **Carlos, a face oculta de Marighella**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

Apêndice

MANIFESTO DE CARLOS MARIGHELLA VEICULADO NA RÁDIO NACIONAL EM 15 DE AGOSTO DE 1969⁷

VOZ FEMININA: Atenção! Está no ar a Rádio Libertadora! Atenção! Está no ar a Rádio Libertadora! De qualquer parte do Brasil, para os patriotas de toda a parte. Rádio clandestina da Revolução. O dever de todo revolucionário é fazer a Revolução! Abaixo a ditadura militar! Atenção! As gravações em fita das transmissões da Rádio Libertadora, podem ser ligadas aos sistemas de alto-falantes dos bairros e subúrbios e irradiadas para o povo, mesmo que para isto tenhamos que empregar a mão armada.

MARIGHELLA⁸: Ao povo brasileiro! Da cidade da guerra revolucionária, nela estamos empenhados com todas as nossas forças no Brasil. A polícia nos acusa de terroristas e assaltantes, não somos outra coisa senão revolucionários que lutam a mão-armada contra

⁷ Registro sonoro do pronunciamento disponível em: <https://documentosrevelados.com.br/pronunciamento-de-carlos-marighella-na-radio-libertadora/>. Transcrição do pronunciamento disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marighella/ano/mes/radio.htm>. Acesso em: 28 jan. 2022.

⁸ Informações de transcrição: (...) palavras inaudíveis; entre [] palavras acrescentadas.

a atual ditadura militar brasileira e o imperialismo norte-americano. Nossos objetivos são os seguintes: derrubar a ditadura militar; anular todos os seus atos desde 1964; formar um governo revolucionário do povo; expulsar do país os norte-americanos, expropriar firmas, bens e propriedades deles e de quem com eles colaboram; expropriar os latifundiários; acabar com o latifúndio; transformar e melhorar as condições de vida dos operários, dos camponeses e das classes médias; extinguir, ao mesmo tempo e definitivamente, a política de aumento dos impostos, dos preços e aluguéis; acabar com a censura; instituir a liberdade de imprensa, de crítica e de organização; retirar o Brasil da condição de satélite da política externa dos Estados Unidos e colocá-lo no plano mundial como uma nação independente; reatar ao mesmo tempo relações diplomáticas com Cuba e todos os demais países socialistas. Para combater a ditadura militar e atingir os objetivos aqui expostos não recebemos do estrangeiro nem armas nem recursos financeiros. As armas são obtidas mesmo no Brasil, são as armas capturadas nos quartéis e tomadas da polícia ou são aquelas que utilizaram os revolucionários em toda revolução, aquela libertas das forças armadas da ditadura como fizeram o capitão Lamarca e os valorosos sargentos, cabos e soldados que o acompanharam na retirada do quartel de Quitaúna. Esperamos que tais gestos continuem acontecendo e casos que sirvam de desmoralização dos gorilas e fortalecimento da revolução. Quanto ao dinheiro, é público e notório que os grupos revolucionários armados assaltam os bancos do país e expropriam os que enriqueceram e exploraram de forma brutal o povo brasileiro. Acabou-se a lenda do ouro de Moscou, de Pequim ou de Havana. Os banqueiros não podem queixar-se, pois, só no ano passado, tiveram lucro de 400 bilhões de cruzeiros velhos, enquanto isso, o bancário ganha salário mínimo, e ainda tem que trabalhar 25 anos para receber o dobro desse miserável salário. O governo, por sua parte, nada pode dizer, uma vez que um ministro corrupto como Andreazza tem apartamento no valor de um bilhão de cruzeiros velhos e recebe comissões das firmas estrangeiras. A ditadura nos acusa de atentados pessoais e assassinatos, mas não confessa que matou Edson Souto, Marco Antônio Brás de Carvalho, "Escoteiro" - Néelson José de Almeida, o sargento João Lucas Alves e tantos outros patriotas. E não confessa que submete os presos aos suplícios do pau-de-arara, dos choques elétricos e outros que deixariam os nazistas envergonhados. Os meios que a ditadura militar brasileira emprega para combater e reprimir o povo são meios bárbaros e indignos, destinados a defender os interesses próprios dos militares no poder, os interesses dos grandes capitalistas, dos latifundiários e do imperialismo dos Estados Unidos. Ao contrário, os meios que os revolucionários estão utilizando para o combate à ditadura militar são legítimos e inspirados por sentimentos patrióticos. Nenhum homem honrado pode aceitar a vergonha e a monstruosidade do regime instituído pelos militares e suas forças armadas no Brasil. Responderemos, olho por olho, dente por dente! A luta já começou! Há um ano de atividades de grupos armados, conseguimos castigar o inimigo que já lamenta seus mortos e, embora a contragosto, reconhece a existência da guerra revolucionária. Desde o início de sua atuação até agora, os grupos armados expropriaram os banqueiros nacionais e estrangeiros e as firmas seguradoras do capital (...) conturbando a rede bancária brasileira. E expropriaram os grandes comerciantes, as firmas imperialistas, o governo federal e os governos estaduais. Entre as ações já praticadas pelos grupos armados, inclui-se a heroica operação guerrilheira que libertou o sargento Antônio Prestes e os demais companheiros presos na penitenciária Lemos de Brito, em pleno Rio de Janeiro; o justicamento do capitão norte-americano Charles Chandler, que veio da guerra do Vietnã para fazer espionagem da CIA no Brasil, é outra prova de que os grupos revolucionários armados estão atentos na defesa da nossa soberania e na preservação dos interesses nacionais. As demonstrações realizadas no país contra Rockefeller, especialmente no Rio, São Paulo e Brasília, em que tiveram papel saliente os estudantes, testemunha, por seu lado, que os norte-americanos são repudiados no Brasil e só contam com o apoio da ditadura militar brasileira. Mas esta é uma ditadura cuja política de traição nacional se tornou por demais conhecida para ser encoberta, ou camuflada pelos gorilas. A guerra revolucionária que estamos fazendo é uma guerra

prolongada que exige a participação de todos, é uma luta feroz contra o imperialismo norte-americano e contra a ditadura militar brasileira que funciona como agência dos Estados Unidos dentro de nossa Pátria, é a continuação da luta heroica de Che Guevara iniciada na Bolívia, é uma luta profunda, ligada à transformação da sociedade brasileira. Nossa luta de libertação do povo não pressa nem tem prazos. Não é uma quartelada, um golpe militar ou uma farsa para substituir, uns pelos outros, os homens no poder, deixando intacta a estrutura de classes da sociedade brasileira. Eis porque, todos os grupos armados revolucionários que estão lutando, devem prosseguir com a guerrilha urbana como temos feito sistematicamente até aqui, assaltando bancos, atacando quartéis, expropriando, intensificando o terrorismo de esquerda, justificando, sequestrando, praticando em larga escala sabotagem para tornar desastrosas as circunstâncias em que o governo tem de agir. Devemos atacar por todos os lados com muitos grupos armados diferentes de pequenos efetivos, compartimentá-los uns dos outros e mesmo sem elos de ligação, a fim de dispersar as forças do governo na perseguição; devemos aumentar gradativamente os distúrbios da guerrilha urbana numa sequência interminável de ações imprevisíveis, e de tal modo, que as tropas do governo não possam deixar a área urbana sem risco de desguarnecer as cidades. São essas circunstâncias desastrosas para a ditadura militar que permitem aos revolucionários desencadear a guerrilha rural em meio a um incremento incontrolável da rebelião urbana. Buscando a participação das massas na luta contra a ditadura militar e pela libertação do país do jugo dos Estados Unidos, nosso próximo passo deve ser a luta no campo. E esse será o ano da guerrilha rural. É esta a hora e a vez dos camponeses cujo instinto para o conhecimento do terreno, a astúcia para enfrentar o inimigo, a capacidade de comunicação com os explorados e oprimidos e os humilhados de todo o país, constituem uma arma certa da revolução. Assumir o campo, enfrentar a luta pela terra, pela eliminação do latifúndio, expropriar os latifundiários, queimar suas plantações, matar seu gado para matar a fome dos famintos, invadir as terras, justificar os grileiros e os norte-americanos envolvidos com os grileiros em compras de terras, levar ao fundo do país a mesma inquietação e o mesmo terror que já dominam os militares, os imperialistas e as classes dominantes nas cidades. Eis aí o objetivo a atingir na segunda fase da guerra revolucionária. Sem abandonar a guerrilha urbana, os grupos revolucionários armados devem com sua habilidade heroica ajudar o desencadeamento da guerrilha rural; nossos esforços devem convergir para a construção e o reforçamento da aliança armada dos operários e camponeses e sua coligação com os estudantes, os intelectuais, os eclesiásticos e a mulher brasileira. Essa aliança é o grande pedestal da luta no campo e da guerrilha rural, de onde surgirá o Exército Revolucionário de Libertação do Povo. Tudo pela unidade do povo brasileiro! Abaixo a ditadura militar! Fora do país com os norte-americanos!

Recebido em: 02 de fevereiro de 2022

Aceito em: 20 de julho de 2022

Publicado em agosto de 2022

Renan Mazzola

E-mail: mazzola.renan@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4124-3522>